

**Notas sobre o corpo em Frantz Fanon: a epidermização do racismo anti-negro*****Notes about the corps in Frantz Fanon: the anti-blackness racism epidermization*****Glauber Franco de Oliveira¹**

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Guilbert Kallyan da Silva Araújo²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Pedro Henrique Ciucci da Silva³

Faculdade de São Bento de São Paulo (FSB-sp)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO

Sendo particularmente conhecido por conta dos seus escritos acerca da questão do colonialismo e de suas implicações para as populações periféricas, em especial para os negros, Frantz Fanon deixou um legado enquanto obra que já denunciava as mazelas que o imperialismo havia engendrado para toda uma população. Dos estudos sobre a dimensão psicológica do sujeito assimilado pela brancura, passando pelos escritos sobre a questão clínica e chegando sobre a crítica ao colonialismo no âmbito político, econômico e subjetivo, sua obra perpassa por uma série de discussões contemporâneas, donde destacamos o problema do racismo como marcador diverso. Só que, uma questão que é abordada pelo autor, mas ainda pouco explorada em literatura, diz respeito a dimensão corpórea do racismo, em especial à compreensão de corpo no texto fanoniano. O corpo negro naturalizado já era atravessado na realidade pelos maniqueísmos de branco e negro, superior e inferior e tantos outros criados pelo eurocentrismo narcísico desde a consolidação da prática da violência racial e colonial dotadas de lógica própria. Tendo isso em vista, este é um artigo que tem o objetivo de trazer notas sobre o corpo nos estudos fanonianos, crítico original a esse estado de coisas. Em poucas palavras, o que é o corpo em Fanon? Qual a dimensão da corporeidade para realização do sujeito na sociedade frente ao que se apreende de seu corpo? No intermédio disso, é proposta a hipótese de que Fanon tem dois patamares distintos em seu desenvolvimento argumentativo: o da *descrição maniqueísta* e o do *humanismo radical*. Para tanto, foi feita pesquisa bi-

¹ E-mail: glaubereb@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4748-3364>.

² E-mail: guilbertkallyan@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5105-0751>.

³ E-mail: pedrociucci@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0537-1684>.

bliográfica das obras consolidadas de Fanon e da literatura especializada a seu respeito.

Palavras-chave: Frantz Fanon. Corpo. Epidermização do racismo.

ABSTRACT

Particularly known for his writings on the issue of colonialism and its implications for peripheral populations, especially for black people, Frantz Fanon left a legacy as a work that already denounced the ills that imperialism had engendered for an entire population. From studies on the psychological dimension of the subject assimilated by whiteness, passing through writings on the clinical issue and arriving at the critique of colonialism in the political, economic and subjective spheres, his work permeates a series of contemporary discussions, from which we highlight the problem of racism as a different marker. However, an issue that is addressed by the author, but still little explored in literature, concerns the corporeal dimension of racism, in particular the understanding of the body in Fanon's text. The naturalized black body was already crossed in reality by the manichaeisms of white and black, superior and inferior and many others created by narcissistic eurocentrism since the consolidation of the practice of racial and colonial violence endowed with their own logic. With that in mind, this is an article that aims to bring notes on the body in Fanonian studies, an original critic of this state of affairs. In a nutshell, what is the body in Fanon? What is the dimension of corporeality for the realization of the subject in society in view of what is apprehended from his body? In the meantime, the hypothesis is proposed that Fanon has two distinct levels in his argumentative development: the *manichaeian description* and the *radical humanism*. For that, a bibliographical research of Fanon's consolidated works and the specialized literature about him was carried out.

Keywords: Frantz Fanon. Body. Epidermization of racism.

INTRODUÇÃO

Em vida, o psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon já acompanhava a mundialização do capitalismo, as suas novas formas colonialistas e o racismo como marcador privilegiado de questões diversas. O corpo negro naturalizado já era atravessado na realidade pelos maniqueísmos criados pelo eurocentrismo narcísico desde a consolidação do colonialismo. Tão como, o corpo negro já era atravessado pela prática da violência racial e colonial.

Nesse contexto, este é um artigo que tem o objetivo de trazer notas sobre o corpo nos estudos fanonianos, intelectual de tradição terceiro-mundista⁴ que se coloca como um crítico novo e original. Como pensar o corpo de um sujeito que não pode realizar sua existência em gozo de sua própria carne, dado o direcionamento a desejar ser um outro distante da sua pele? Como pensar o corpo negro dada sua prisão na máscara branca como única forma de existir enquanto sujeito? É também preciso pensar, pois, suas implicações subjetivas nesse processo.

Para tanto, é escolhido o corpo como objeto central de estudo, que, por sua vez, segue um recorte com uma interpretação específica e interessada do pensamento fanoniano. Por quê este objeto? Em termos históricos mais prolongados, é porque com os avanços científicos e tecnológicos, o corpo é cada vez mais particularizado e tratado como ser, ou como existência, ou como coisa. Em especial, é gestado com conhecimentos, técnicas e instrumentos específicos para sua penetração fenomênica e formulação racional.

Pode-se dizer que o corpo é cada vez mais encarnado e circunscrito dentro de um esquema de especificação, do mesmo modo que é cada vez mais encerrado dentro das construções fantasmagóricas que se realizam a partir da hierarquização racial⁵. Já mais especificamente ao século XIX e XX é possível dizer que o capitalismo e o colonialismo são altamente sofisticados e originaliza o seu estudo em sua própria profundidade. Nestes séculos o colonialismo não só se reproduz amplamente e ganha novas roupagens a partir do capitalismo, como também acelera o processo de empreendimento colonial que sustenta as bases da sociedade capitalista contemporânea, dispondo do corpo com fortes tradições teóricas advindas do século XX e XXI, que não mais se limitam apenas ao seu conhecimento, mas se ampliam na sua exploração, dominação e controle planetário⁶.

⁴ Ele nos delimita uma noção do seu terceiro-mundismo, dizendo: “Tendo em vista nossa origem antilhana, nossas observações valem apenas para a Antilhas” (Fanon, 2020, p. 28).

⁵ A noção de uma visão fantasmagórica de corpo a partir da epiderme tem haver com o processo de construção arquetípica do que é um sujeito branco e um sujeito negro, frente ao que é esperado de cada um destes num processo de subjetivação e socialização na sociedade capitalista. Ao branco é colocada a possibilidade de acesso à virtude humana da razão, habilitando-o a gozar da humanidade em qualquer uma de suas possíveis expressões, enquanto que o negro é relegado a uma posição de inferioridade, na qual a capacidade humana da razão lhe é podada, sendo delimitado pelo seu corpo enquanto uma prisão que lhe impede de ser além do que se espera dele. Em termos, o Branco como uma categoria universalizada de humano, e o Negro como uma categoria específica de humano que não dispõe de humanidade plena.

⁶ O controle planetário não diz respeito apenas a sua magnitude, mas a sua consolidação de controle do corpo negro nas suas mais variadas formas de expressão. Vale tanto na dinâmica auto-representativa enquanto imagem e noção de si, quanto também da forma de relação, visto que há a in-

Desse modo, a disputa é pelo corpo sob a perspectiva crítica aos mecanismos alienantes, fetichistas, exploradores e opressores. Contra sua desfiguração brutal, sua sexualização esquartejadora e sua coisificação mortífera. Nesse espaço de disputa, Frantz Fanon é um intelectual que propõe um novo humanismo, radical e contra o essencialismo estratégico, não mais nas múltiplas distorções da raça e do racismo colonial. Isto é, advoga pelo essencialismo estratégico como parte do processo de reconhecimento de ser negro, mas não se encerra nesse processo. Ele evidencia o erro da análise unilateral e mecânica sobre o corpo dos tão só processos bioquímicos, anato-morfo-fisionômicos e essencialistas do negro e evidencia a falta de totalidade nos prognósticos objetivos e subjetivos enviesadores. Contudo, Fanon ressalta que a sua atenção gira em torno de uma análise psicológica, sobretudo em seu livro “Pele negra, mascarás brancas”, entendendo que “[...] apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pelo edifício complexual” (Fanon, 2020, p. 24).

Propõe-se aqui duas interpretações específicas de Fanon que podem ser polêmicas, mesmo que nada novas, e por isso devem ser estudadas e criticadas pelos pares interessados. A hipótese é de que Fanon tem dois patamares distintos em seu desenvolvimento argumentativo: o da *descrição maniqueísta* e o do *humanismo radical*. Em um primeiro momento, o “negro quer ser branco”, mas, em um segundo momento, é preciso *criar uma nova realidade*, além do maniqueísmo racial⁷.

Para tanto, o artigo privilegiou o livro “Pele negra, máscaras brancas” (2020) e o texto “Racismo e Cultura” (2021) de Fanon e na bibliografia secundária de intelectuais brasileiros consolidados na temática. Os intelectuais são os sociólogos Deivison Faustino (2016) e Joaze Bernardino-Costa (2016), a psicanalista Neusa Santos (2021), a psicóloga Cida Bento (2022), o pecebista Jones Manoel (2020), a grande antropóloga Lélia Gonzalez (2022), e o filósofo de relevante envergadura Achille Mbembe (2018). O que de modo algum a escolha desses intelectuais segue uma tradição fanoniana específica no Brasil, ou nada do tipo, mas sim os escolhe por conta das suas importantes contribuições. Dentre eles, é preciso ressaltar que Deivison

terdição do corpo de forma violenta pelo julgo das correntes, do chicote e do fuzil.

⁷ O que de modo algum, desde já, queremos separar mecanicamente a teoria fanoniana em textos ou fases, embora haja discussões a esse respeito. Tal divisão é conceitual e expositiva para o objeto do corpo em questão.

Faustino (2016) é indispensável, um dos maiores estudiosos no Brasil de Frantz Fanon pela sociologia.

Por fim, entende-se que o esforço maior do artigo foi organizar as ideias de Fanon no recorte do corpo e dialogar com esse arcabouço de algum modo, sem perder seus fundamentos e pressupostos. Portanto, neste artigo não existe a intenção de esgotar a temática, mas sim a intenção de trazer elementos para a discussão com aqueles que se interessam pela temática e pelo recorte feito. Expressão disso, por exemplo, é não articular organicamente, senão por trechos de literatura secundária, o texto “Condenados da Terra” de Fanon.

PATAMARES DO PENSAMENTO FANONIANO: DA *DESCRIÇÃO MANIQUEÍSTA* AO *HUMANISMO RADICAL*

Tendo aqui o corpo como objeto central de estudo, quais são os pressupostos teóricos, filosóficos e políticos de Fanon para a sua definição? Existe nele uma proposta filosófica e política para a construção do corpo? Como em geral a produção capitalista, o colonialismo, a categoria racial, o racismo e a psicanálise atravessam sua concepção? Toma-se aqui notas acerca de algumas respostas a estas perguntas, para depois entrar na tentativa de descrever e dissertar estritamente sobre o corpo em Fanon.

Fanon discute sobretudo com Freud, Aimé Césaire, Sartre, Hegel e Marx, criticando autores como, por exemplo, Octave Manoni e Carl Jung. É possível dizer que ele se apoia no existencialismo, no marxismo, na psicanálise e, de modo prevalente, no anti-colonialismo. Em meio a essas tradições teóricas, ele analisa a existência do racismo anti-negro que o leva a identificar condições de razão e racionalidade necessariamente distorcidas nos discursos contemporâneos sobre o ser humano. Isto é, ele ressalta não o racismo em geral ou um racismo universal, mas faz isso especificando o privilegiamento da discussão do racismo a partir do ser negro. Nesse direção, Fanon propõe o que pode ser organizado como uma filosofia política com eixo especial na psicanálise e com níveis de desenvolvimento político distintos, traçando um sociodiagnóstico da realidade construída e consolidada no e

a partir do colonialismo, oferecendo um possível caminho de superação da forma organizativa vigente⁸.

Nesses níveis de desenvolvimento, entende-se que em um primeiro momento o “negro quer ser branco” (Fanon, 2020), onde Fanon faz uma *descrição da realidade*, pormenorizando seus dados, suas leis, suas tendências, explicitando suas relações, seus modos de ser e pensar, suas contradições, ambiguidades e desafios. Já em um segundo momento, o filósofo pensa um *novo humanismo* no desenvolvimento teórico-expositivo da *criação de uma nova realidade*. É com base nisso que neste artigo é possível evidenciar um recorte possível: os momentos teóricos tanto da *descrição* como da *criação* da realidade, distintos e indissolúveis entre si. É escolhido perpassar esse caminho porque a partir dele é possível desenvolver aproximações com seu conceito principal, que melhor explique o corpo: o conceito de *epidermização do racismo*. Isto é, sobre o esforço teórico de construção do ideal de si na diferença do Eu-negro.

Fanon não é só terceiro-mundista, nascido na Martinica das ilhas caribenhas, mas sim é *afrorreferenciado*; ele segue o pensamento que estabelece a crítica ao colonialismo reproduzido pelo capitalismo e demarca a colonização contra sua historiografia oficial, colocando em relevo e referenciando a colonização do Sul mundial muito antes das revoluções burguesas. Mas, como lembra um leitor especial de Fanon, o filósofo Achille Mbembe, no tempo de vida de Fanon, ele poderia ter sido só mais um soldado, carne de canhão, e nunca ter escrito suas obras clássicas, dado todo o contexto que viveu e realizou seu legado. Fanon, para Mbembe, “conheceu a colonização, a sua atmosfera sangrenta, a sua estrutura de asilo, o seu quinhão de feridas, os seus modos de arruinar a relação com o corpo, a linguagem e a lei, os seus estados inauditos, a guerra da Argélia” (Mbembe, s/p, p. 1).

A África é seu ponto de partida, muito embora seu pensamento foi longamente usado por diversas tradições e períodos históricos diferentemente, tal como sua taxação exemplar de autor pós-colonial. Fanon traz uma alternativa ao século XX, tanto ao liberalismo que estava se redesenhando pós-guerras mundiais até culminar no neoliberalismo a partir de 1970, quanto ao marxismo da URSS que mundi-

⁸ O pensamento de Fanon, desde o primeiro escrito publicado enquanto teatro filosófico (“O olho se afoga”) até seu último texto redigido como diagnóstico da condição do colonizado (“Os condenados da Terra”), é perpassado por uma crítica tanto a forma como o negro é subjetivado num processo de diferenciação, quanto por um apontamento do racismo anti-negro como uma forma de impossibilitar a realização plena do Negro na sua negrura.

alizava o marxismo-leninismo, tendo sua desagregação com a queda do muro de Berlim a partir de 1989. Ou seja, é possível dizer que Fanon é da segunda etapa dos processos de descolonização ocorridos na segunda metade do século XX na Ásia, sobretudo na Índia e África, especialmente na Argélia, Tunísia, Nigéria, entre outros países. Frente o individualismo do liberalismo e até mesmo do privilegiamento de Freud pelo indivíduo, para Fanon (2020), além “[...] da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia” (Fanon, 2020, p. 25). Isto é, para além de estudos referentes a características moleculares e morfológicas e seus graus de parentesco e evolução, próprios de um tipo de antropologia e de uma ciência da época, Fanon se preocupou com a produção e formação de determinado ser e ideia em âmbitos sociais, econômicos e políticos.

Assim, inicialmente é preciso construir o que é selecionado aqui como o primeiro patamar do desenvolvimento do pensamento fanoniano, qual seja, o da *descrição da realidade*. Onde, desde já, é preciso explicar que tal patamar que se recorta como *descrição* e depois *criação* são de *exposição*, isto é, são *didáticos* para explicar o pensamento de Fanon, não são ideias manualescas de como aplicá-lo ou estudá-lo em “duas fases”. Isto é, neste artigo não existe o entendimento de que é possível se debruçar sobre um “primeiro Fanon” e um “segundo Fanon”, típico de um movimento epistemológico. Muito embora, é conhecida a observação em “Pele negra, mascaras brancas” da possibilidade dessa interpretação de uma posição semelhante, onde ao explicar como organizou os capítulos gerais e o capítulo “A experiencia vivida do negro” do livro “Peles Negras, Máscaras Brancas”, Fanon (2020) diz que “ficará evidente que não há nada em comum entre o negro desse capítulo e aquele que busca se deitar com a branca” (Fanon, 2020, p. 27). Parece que aqui ele organiza uma noção estratégica e que deva ser investigada sistematicamente que talvez não se limite a uma exposição. É feita essa nota metodológica antes de mais nada porque diferentemente dessa ressalva seria cair em um corte epistemológico que se entende como enviesado ao tratar de dois momentos distintos de Fanon sem antes desenvolvimentos mais prolongados. Portanto, aqui é um recorte de tantos que é possível fazer do seu movimento e acúmulo intelectual – com as devidas ressalvas metodológicas.

Para Fanon, a sociedade capitalista é colonialista no marco de um mundo eurocentrado, muito embora o capitalismo contemporâneo pós-guerras mundiais já

passasse aos seus olhos na transição para a dominação norte-americana na base de organizações multilaterais. Assim, para o filósofo, que também é da política, desde o começo é preciso não se enganar, visto que a dominação colonial não se resume em uma guerra cultural, mas sim a “guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta” (Fanon, 2021, p. 10).

Esse pressuposto significa que, para ele, a sociedade burguesa já era real e efetiva. Fanon (2020) entende como sociedade burguesa:

[...] qualquer sociedade que se esclerosa em formas específicas, impedindo qualquer evolução, qualquer avanço, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, em que a vida não é boa, onde o ar é pútrido, com as ideias e as pessoas em putrefação (Fanon, 2020, p. 236).

Na constituição e recíproca determinação com o capitalismo, o colonialismo europeu em sua guerra cultural propõe a hierarquia que “classificava as populações através de um vínculo com a “terra”. Uma associação entre continente e fenótipo que sintetizou e cristalizou a tese de que alguns nascem condenados, condenados da terra como nos disse Fanon” (NOGUERA, 2017, p. 64). Com base nisso, os ameríndios e os africanos seriam diferentes justamente porque ambos, protetores e próximos do que é a terra e seu místico nascedouro, nascem com fenótipos corpóreos, por isso nascem como “condenados da terra”, expressão criada por Fanon e mundialmente difundida. Trava-se aí já de uma hierarquia fundamental e uma divisão política, intelectual, cultural e geográfica, seja local e mundial.

Essa espacialização da ocupação colonial acontece de maneira espantosa. Segundo Mbembe (2018), Fanon descreve esse movimento no seguinte sentido:

[...] a ocupação colonial implica, acima de tudo, uma divisão do espaço em compartimentos. Envolve a definição de limites e fronteiras internas por quartéis e delegacias de polícia; está regulada pela linguagem da força pura, presença imediata e ação direta e frequente; e isso se baseia no princípio da exclusão recíproca (Mbembe, 2018, p. 40-41).

Mbembe (2018) extrai da obra de Fanon a ideia de que a zona determinada ao colonizado é um lugar de má fama, não importa como homens nascem, vivem ou morrem. Nessa zona não importa o que fazem com os seus corpos. Não importa como vivem, se amontados em cima uns dos outros ou em um espaço desumano,

sem comida, roupa e luz. Não importa o que fazem, seu lugar indeterminado é de má fama, onde *um* é considerado *todos*.

No capitalismo colonialista de polo europeu, o corpo e a mente são alienados e colonizados, *dessubstancializados*⁹. Cria-se objetos pelo processo de objetificação, e esses objetos são movidos ao invés de se moverem e moverem o outro e o mundo. É “negado o acesso ao conhecimento de Si e impossibilitado o reconhecimento” (Barros, 2021, s/p). Para Fanon, que também é leitor de Hegel, alguém só se torna humano quando o Outro o reconhece. E nisso, em termos psicanalíticos, no capitalismo colonialista alienador e colonizador, o colonizado tem “fobia de si próprio e desprezo pelo seu Eu organizado no interior da experiência colonial” (Barros, 2021, s/p).

A alienação é múltipla e constitui a colonização, tanto a alienação econômica, com o saque desenfreado de terra, como a alienação racial. “Assim, numa primeira fase, o ocupante instala a sua dominação, afirma maciçamente a sua superioridade. O grupo social, subjogado militar e economicamente, é desumanizado segundo um método polidimensional” (Fanon, 2021, p. 13). O que, a título de nota a ser tomada como relevante, é facilmente um ponto identificado nas leituras marxistas que Fanon faz, sobretudo quando se propõe a estudar a alienação econômica.

O que quer dizer a múltipla e não monocausuística alienação? Quer dizer, em primeiro lugar, que o racismo e a sua racionalidade são muitas vezes precedidos pela “exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior” (Fanon, 2021, p. 19). Isto é, “na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo” (Fanon, 2021, p. 19).

Fanon explica (2020) o seguinte sobre isso: a “análise que realizamos é psicológica. Nos parece evidente, contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais” (Fanon, 2020, p. 24-25). Requer, pois, a desalienação mediante a compreensão sociogênica da realidade.

Mas, mais especificamente ao que diz respeito a alienação racial, a análise para Fanon é sobretudo psicológica, através da qual, ele demonstra que, ao passo

⁹ Destitui o corpo negro da possibilidade de se valer da categoria de humano, delimitando sua existência a partir de uma construção negativada da negrura que marca sua pele.

que a alienação nega o conhecimento de Si e o reconhecimento de Si se dá apenas por parte do Outro, a colonização sofrida decorre também em desprezo pelos seus semelhantes – sempre no horizonte de uma dominação também econômica. São criadas ilusões perversas nesse processo de “negação de seus costumes, como ainda pela reprodução artificial do uso das máscaras brancas, modos de linguagens que o aproximem do branco e que ilusoriamente o deixem mais próximo do “verdadeiro homem”” (Barros, 2021, s/p).

Essa colonização alienante é racista. São criadas raças. É criada a raça branca e a raça negra. O negro em sua negrura e o branco em sua brancura encerram ambos em um duplo narcisismo¹⁰, como consequência do processo de cisão do ego do negro, que na dialética do reconhecimento hegeliano é negado tanto em si quanto para o outro, num duplo processo de alienação e negação. São dois universais metafísicos em questão, onde Fanon foca muito mais no desenvolvimento teórico sobre a raça branca e a negra. A diferença de um negro martinicano e um negro africano perpassa muitas particularidades, tal como os negros marcados pela cor e pela nacionalidade. Muito embora, em torno de uma disposição inscrita num sistema determinado, para Fanon (2021) é preciso afirmar que “o racismo judeu não é diferente do racismo negro. Uma sociedade é racista ou não o é. Não existem graus de racismo” (Fanon, 2021, p. 26).

Nesse sentido, de modo a considerar um modo de ser complexo, a raça branca e a raça negra existem no maniqueísmo de inferior e superior. E, como está sendo fundamentado até aqui, “se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo: econômico, em primeiro lugar, e, em seguida, por inferiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 2020, p. 25).

O branco, definindo-se como universal torna-se superior; tendo o negro a sua sombra, como inferior. De modo que são também determinados: o branco é rico porque é branco, o rico é branco porque é rico. Para Cida (2022), é estabelecida a branquitude enquanto processo que engendra um pacto de hierarquização racial.

¹⁰ “O debate do duplo narcisismo, oferecido por Fanon, tem nas reflexões de Du Bois (1999) sobre a consciência dupla o seu ponto de partida [...] Du Bois alerta que, em uma sociedade cindida pelo véu do racismo, o negro é frequentemente levado a enxergar o mundo a partir da visão de seu algoz, que o nega como ser humano. A análise do duplo narcisismo de Fanon acrescenta duas dimensões a este raciocínio duboisiano, como veremos: de um lado, a despeito de sua posição de privilégio, o branco também terá a visão bloqueada pelo véu interposto pela racialização e, do outro lado, ao negro que decide romper com o véu da supremacia branca, resta-lhe o risco, por vezes, de atolar-se no véu de uma pseudo-supremacia negra” (Faustino, 2016, p. 66).

Por causa da branquitude e sua auto-referenciação, ela é narcísica, pois define o que é ser humano à sua imagem e semelhança e não consegue ver o Outro senão por sua lente maniqueísta. Desse modo, o branco se torna um tipo de obviedade, que se apresenta como um tipo de não-raça; é criada assim uma identidade entre o ser humano e o ser branco. “A verdade é que o rigor do sistema torna supérflua a afirmação quotidiana de uma superioridade” (Fanon, 2021, p. 17).

Assim, as raças e o racismo dividem o humano em inferior e superior. Que também se articulam com a marcação de humano e não-humano. A raça branca é a humana, a raça negra é a não-humana. Fanon (2020), dizendo respeito a determinada altura da análise, “Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência” (Fanon, 2020, p. 152). A ponto de sentir que sequer existe.

O inferior e superior ganham marcas e especificidades. Por exemplo, apresentam-se especificidades na diferença entre martinicanos e africanos, entre revolucionários e soldados do Império e sua ordem, e entre próximos ou distantes da Metrópole. Os universais não são monolíticos, eles são flexíveis; precisam se apresentar desse modo, com disposta envergadura, para desempenhar sua melhor eficiência de dominação. Os universais apresentam suas particularidades, mesmo que em alguns seus planos se apresentem frequentemente como “universais puros”. Por exemplo, nem todo europeu é a favor da colonização da Martinica, contudo, dentro de um contexto universalizante que um europeu é o europeu, ele ainda representa, em seu corpo, a figura do colonizador que imputa ao negro um lugar de subalternidade e inferioridade, tanto existencial quanto politicamente.

E também, por exemplo, nem todo Europeu é francês. Ou mesmo, é possível entender que existem diferentes tipos de negros, e não um *black soul* eterno e natural. De modo também que, no geral, “a experiência negra é ambígua, pois não existe *um negro*, mas sim *negros*” (Fanon, 2020, p. 149).

No diagnóstico de que a raça negra é o não-humano, inferiorizada pela cultura imperial europeia, há uma outra divisão que guarda suas especificidades: o sub-humano e não-humano. O antilhano é um sub-humano, que luta por ser reconhecido pelo ser superior branco; por sua vez, este ser branco é habitante da zona do ser. Mas o antilhano também produz um não-ser inferior a ele, por exemplo, o não-ser africano. Fanon (2020) relata que o primeiro ficará envergonhado quando confundido com o africano senegaleses.

Assim, o colonialismo produz o maniqueísmo da zona do ser e da zona do não-ser, que guardam uma natureza diversa. O ser e não-ser se fundam em uma universalidade abstrata da Europa branca. “Da negação global passa-se ao reconhecimento singular e específico” (Fanon, 2021, p. 5). Por exemplo, na questão da linguagem, o maniqueísmo se diversifica em franceses nativos que falam a língua francesa, em franceses não-nativos “afrancesados” e em sub-humanos. O sub-humano pode ser o “afrancesado” que não é fluente e que tem pouca habilidade em falar o francês diante dos não-nativos com “boa fluência”. É por isso, nesse contexto, é tido como sub-humano.

Todo esse maniqueísmo sujeita o negro ao paradoxo existencial “entre a negação da sua racionalidade e a subalternização do seu não-ser ao ser do branco” (Vitorio, 2020, p. 24). Dessa forma, o negro interioriza o *complexo de inferioridade*. Barros (2021) traz os seguintes elementos fundamentais desse conceito na obra de Fanon:

Inclui a noção fanoniana de que a psicologia do negro, como construto lógico da dominação colonialista, é neurótica-obsessiva e, portanto, não consegue executar nenhuma retração que evite o desprazer, pois carece da sanção do branco. O ego do negro no colonialismo, segundo Fanon, torna-se unilateral perdendo assim interesse por suas atividades e por seus valores. O complexo de inferioridade é então caracterizado por uma falta (dada a perda da relação histórica com o passado) e por uma impossibilidade de ser; um déficit ontológico. Trata-se, em termos psicanalíticos, da busca por uma realização de um eu ideal que se tornou impossível pelos limites da organização social extremamente racializada e colonial (Barros, 2021, s/p).

A zona do não-ser, que é composta pelos negros em suas hierarquias, marcações e particularidades, é heterogênea e diversificada. É raça e também gênero. A raça, enquanto fundamento de hierárquico de diferenciação, funciona enquanto uma instância de redução do sujeito ao corpo, numa composição que fixa o sujeito na sua corporeidade; de forma parecida, a dimensão do gênero também é operacionalizada como sustentáculo de uma pretensa diferenciação de corpos que fogem da norma postulada enquanto ideal de humano: o homem branco cis hétero burguês europeu (Preciado, 2022). É possível entender que raça e gênero funcionam como marcadores que diferenciam os sujeitos da norma imposta na idealização capturada pela brancura (Andrade, 2023), ganhando o estatuto de uma relação orgânica na sociedade, mas tensionamos a dimensão racial dessa diferenciação. Todo esse de-

bate não é só político, cultural e de consciência, mas sim materialista e econômico.

Não se trata só do processo de consciência ou não consciência do negro e do branco, ou do tipo de racionalidade. Quanto a isso, explica Fanon (2020) que se faz necessário não cair na “ingenuidade ao ponto de acreditar que os apelos à razão ou ao respeito pelo ser humano podem mudar a realidade” (Fanon, 2020, p. 235). A razão se sustenta, no projeto iluminista (Andrade, 2017), enquanto uma instância de impossibilidade de realização dos sujeitos acentuados como inferiores na redução ao corpo como reduto tanto da experiência como da possibilidade das suas realizações (Fanon, 2020), não se sustenta enquanto um campo possível de reivindicação para o inferiorizado. Como Fanon acentua, o negro é reduzido à irracionalidade com a qual o branco não consegue lidar (Fanon, 2020, p.98), de tal modo que a relação estabelecida é da mútua existência que só se sustenta, no capitalismo, na exploração do negro pelo branco (Sekui-otu, 1996). O negro, dessa forma, “só será capaz de conceber a sua existência sob a forma de um combate travado contra a exploração, a miséria e a forma” (Fanon, 2020, p.236), de modo que a discussão não se reduz ao caráter da individuação, mas sim, da sobredeterminação dos processos humanos sob os quais se desenvolve a negrura, capturada num encerramento simbólico, econômico, político, afetivo e social (Fanon, 2022).

Ou seja, para lembrar uma máxima marxiana presente no pensamento fanoniano, não basta mudar a visão sobre o mundo, mas sim é necessário transformar o mundo¹¹. Não é apenas uma luta de ideias, mas sim uma luta prática, pela atividade humana objetiva e subjetiva. É o subjetivo e o objetivo, é a luta cultural e a luta econômica e militar. Isso porque, para dizer contra qualquer redução ao mínimo da luta meramente cultural e intelectual, “a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa” (Fanon, 2020, p. 236), sendo um campo de luta nos limites do âmbito burgues, das ambiguidades alienantes e colonialistas.

Nesse sentido, o branco é o ordinário, o *contingente* se torna *eterno* no branco. Por exemplo, o médico não é um médico, é um médico negro ou branco; e,

¹¹ Excedendo o mero debate de ver ou transformar a realidade, é possível ser referenciada a seguinte citação de Marx e sua ligação com a ideia de Fanon que estamos ressaltando, onde Marx afirma: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (Marx, 2003).

o bom médico negro é um bom médico negro, pois *até sabe* ser um *bom médico*¹². É fixado o marcador racial que interdita sua ontologia. Outro exemplo é quando ao falar e ser admirado em uma conferência, Fanon (2020) é tido elogiosamente como um branco por sua platéia. “Você é um branco!”, diria a branquitude colonizadora que só consegue ver o 1 ou o 2. Isto é, não existe o extraordinário no negro, não existe a mediação ou a transformação. O seu extraordinário se transforma no ordinário do branco ao passo que ultrapassa o seu ordinário, que é a transposição da sua zona do não-ser.

A partir disso é que se realizam diferentes divisões e maniqueísmos, dessubstancializa-se o ser e se projeta fantasmas e fragmentos generalizadamente. É a partir de toda essa alienação econômica e epidérmica que se constrói *complexos inatos* para Fanon. Barros (2021) define os complexos inatos da seguinte maneira:

Forma racializada de atribuir característica essencialistas a grupos humanos ou indivíduos de acordo com diferenças historicamente construídas e determinadas. O complexo inato é aquele que exemplifica o “natural” comportamento de um indivíduo de cor e sua diferença em relação ao homem branco. De origem positivista, Fanon demonstra como a noção de um complexo inato dado a um humano (exemplo, um negro sempre agir de determinada forma) se origina na racialização e no racismo inerentes à sociedade colonizada (Barros, 2021, s/p).

Todos esses maniqueísmos de branco e negro, inferior e superior, humano e não-humano, que são construções históricas com base em assassinatos, estupros, torturas, roubos, expropriações e expulsões, são naturalizados como inatos. Por exemplo, fomenta-se a ideia que naturaliza que o negro sempre foi negro, e se hoje ele é inferior, é porque naturalmente foi e é negro. E se por acaso ele for assassinado por causa da sua condição de inferior e de não-humano, é porque é um complexo inato à sua raça. Ora, ironicamente, a branca diria que o negro foi assassinado porque era pobre, isso acontece, o meio condiciona e o leva a tal fatalidade. E, nessa direção, a branca continua e entende – como mais uma das suas ironias – que se o negro tiver problemas de saúde mental, muito provavelmente será uma doença negra.

¹² O texto fanoniano é repleto de ironias e de construções alegóricas no seu escopo. Como Alice Cherki (2006), sua biógrafa, bem nos recorda, a escrita fanoniana é feita de parábolas e referências que não são explicitamente colocadas pelo autor, por muitas vezes dialogando com poetas, filósofos e psicanalistas, ao mesmo tempo que se coloca em texto a partir do ódio racial e de classe com passagens como: “o negro bonito quer que a senhora se foda, madame!” (Fanon, 2020, p.129).

Com base nesse conceito de *complexo inato* é possível colocar brevemente a crítica entre o *essencialismo estratégico* e o *essencialismo tático* tratado em uma nota por Manoel (2020). Para ele, segundo sua interpretação de Fanon, o *essencialismo tático* é aquele que entende que positivar a raça negra se dá em um processo de luta que tem como horizonte a desracialização. Racializar para desracializar. Contrariamente a isso, o *essencialismo estratégico* coloca brancos e negros como essencialmente opostos e irreconciliáveis. Esse essencialismo coloca o debate racial como categoria ontológica, interno ao ser e ao estar. Deste essencialismo resta o passado imemorial, cavar uma metafísica das raças¹³. Ambos são radicalmente diferentes, Fanon entende que mesmo não devendo tirar o “entusiasmo negro”, o essencialismo deve ser tático; o negro usa mascarás brancas para a sua sobrevivência.

A criação de complexos inatos acontece de tal modo que, se o negro sai do seu lugar de alienado e colonizado, ele, a partir da violência física e moral, é colocado de novo nesse lugar. O policiamento com seus grandes aportes de capital bélico sempre desempenhou essa função no Brasil, para colocar em relevo um dado de um dos países que mais mata por arma de fogo pessoas negras no mundo. Não há resistência ontológica para Fanon (2020); efetiva-se um processo de criação do nada, de *nadificação*. A *nadificação* é um aspecto da lógica da assimilação desse mundo, um processo que rejeita a diferença e elimina o outro enquanto outro pela violência.

É por isso também que essa colonização separa o que é racional e irracional, em que o colonialismo para Fanon jamais pode se definir como racional, já que para se reproduzir não consegue se resumir apenas no *pensar* ou na *razão*. É preciso a efetiva violência conjuntamente a processos ideológicos. Tudo começa e termina na violência. Acostumaram a vencer sem ter razão. Os mercados coloniais não avançam na base razão, e sim na base da violência, mesmo que posteriormente se justifique racionalmente, pela racionalidade branca. É por essas e tantas outras noções que Fanon dá tanta importância para violência e também por isso a branquitu-

¹³ O que vai ao total encontro da crítica à Sartre, que coloca o negro como meio para uma transição de mundo sem raças. Fanon (2020) é diferente do “Orfeu Negro” de Sartre, onde o negro sartriano é polo negativo da dialética que é ao mesmo tempo uma mediação para uma sociedade sem raças, tal qual ensina a dialética hegeliana. Para ele, Sartre tira o “entusiasmo negro”. Sartre estanca a dialética. “Esse hegeliano inato esqueceu que a consciência precisa se perder na noite do absoluto, única condição para alcançar a consciência de si” (Fanon, 2020, p. 147). A partir de Sartre é possível enxergar uma crítica ao essencialismo negro e ao absoluto negro com que Fanon (2020) diz “Jean-Paul Sartre, nesse estudo, destruiu o entusiasmo negro” (Fanon, 2020, p. 148).

de transforma isso numa polemica. Afinal, o que poderia assustar mais do que uma pessoa negra falando de violência, justamente aquilo que a brancura captura para si como sendo a única categoria humana possível de dispor desta? O monopólio da violência, reivindicada pela brancura através da força das leis e das armas (Mbembe, 2020), faz com que o branco tenha receio de que aqueles que foram por tanto tempo violentados reivindiquem para si a forma de diálogo com a qual estes se acostumaram a dialogar com os que pontuam como subalternos. Objetivamente, o branco teme que ele se torne o coagido pela sua forma de ação pelas mãos daqueles que subjogou (Fanon, 2022). A violência, para Fanon, aparece como única forma possível de diálogo com a irracionalidade que se reivindica como racional na divisão da categoria de humano.

Tendo em vista toda essa *descrição da realidade*, é possível dizer que o pensamento fanoniano segue um desenvolvimento que projeta, por sua vez, a *criação da realidade*. Isto é, Fanon (2020) alega que se “o negro aos olhos do branco não tem resistência ontológica, precisamos ir além do estudo dos seres em si e nos engajarmos no estudo da relação entre seres e não-seres a fim de entendermos como este último experiencia sua vida (Fanon, 2020, p. 511). Esta aí, ao afirmar uma luta “além do estudo dos seres em si” (Fanon, 2020, p. 511), o seu não encerramento em um pensamento estritamente ontológico.

Em outras palavras, em um primeiro momento, o negro é tornado visível para ser inviabilizado pelo branco. A “implantação do regime colonial não traz consigo a morte da cultura autóctone. Pelo contrário, a observação histórica diz-nos que o objetivo procurado é mais agonia continuada do que um desaparecimento total da cultura preexistente” (Fanon, 2021, p. 11).

Nesse momento, o negro é *descrito* em torno de uma *descrição do real* que sublinha a dimensão da diferenciação enquanto projeto político e de sociabilidade; se o racismo é um elemento histórico e cultural, que entranha o tecido da estruturação da realidade fazendo se confundir a infraestrutura com a superestrutura (Fanon, 2022), o que emerge disso é uma realidade cuja organização é responsiva a inteligibilidade de seus efeitos nas mediações socioeconômicas e históricas. A partir da constatação histórico-social, alicerçada na economia, Fanon lança mão de uma perspectiva culturalista – a qual sequer sustenta em seus escritos¹⁴ – e empreende

¹⁴ Ver “Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro”, de Deivison Mendes Faustino.

uma análise a partir da dimensão política e das implicações afetivas que esta organização socioeconômica engendra.

O olho olha de volta para aquele que o tinha como não-ser. O negro afirma-se frente ao branco para poder viver. Portanto, nesse segundo momento, Fanon já não está apenas descrevendo a alienação, o fetiche, os maniqueísmos e as divisões que são feitas do mundo e do humano, mas sim está presenciando uma posição ativa sobre o mundo.

A este gigantesco labor chamava Fanon a “saída da grande noite”, a “libertação”, o “renascimento”, a “restituição”, a “substituição”, o “surgimento”, a “emergência”, a “desordem absoluta” ou ainda “caminhar todo tempo, dia e noite”, “erguer o homem novo”, “encontrar uma outra coisa”, forjar um sujeito humano novo emergindo inteiro da “argamassa do sangue e da cólera”, livre do fardo da raça e desembaraçado dos atributos de coisa. Um sujeito quase-indefinível, sempre em remanescente porque nunca acabado, tal desvio que resiste à lei, mesmo a qualquer limite (Mbembe, s/p, p. 2).

Nessa posição ativa, o negro adquire estratégias que apresentam armadilhas. Entende perigosamente que se o branco é o universal do ser humano, na certeza de que “todos esses brancos reunidos, de revólver na mão, não podem estar errados” (Fanon, 2020, p. 152), o não-ser do negro deve usar a máscara dessa universalidade para ser um ser humano. O negro “arremessa-se sobre a cultura imposta” (Fanon, 2021, p. 22). O racismo é tomado como tema de meditação, como técnica de publicidade, como ideologia democrática e humana, “o blues”, “lamento dos escravos negros”, é apresentado à admiração dos opressores” (Fanon, 2021, p. 18). Isto é, a “literatura, as artes plásticas, as canções para costureirinhas, os provérbios, os hábitos, os *patterns*, quer se proponham fazer-lhe o processo ou banaliza-lo, restituem o racismo” (Fanon, 2021, p. 19). E isso é mais uma das armadilhas desse segundo momento que é separado do pensamento fanoniano nesta exposição.

O negro quer ser humano. Ser humano é ser branco. O negro quer ser branco. Por exemplo, a linguagem é uma *máscara branca*. O problema vai se reduzindo na pergunta de qual é o negro que melhor fala o francês. É o negro martinicano, senegalês, americano? Daí se colocam exemplarmente as *maskarás brancas* que são traçadas e se limitam nos maniqueísmos de humanos e não-humanos. Tudo isso mostra mais uma face do *complexo de inferioridade*, sobre o qual Barros (s/p) explica:

O que se evidencia no complexo de inferioridade num mundo racializado são as distorções e assimetrias geradas pelo desejo de embranquecimento como fonte de realização. Os traços epidérmicos se tornam fundamentais no complexo de inferioridade porque permite aos negros de pele clara a ilusão de se tornarem objetos de amor do branco. Um falso desejo de realização totalmente fetichista e impossibilitado pelo racismo. O complexo de inferioridade introjetado pelas relações assimétricas da racialização social fornecem não só patologias psíquicas recorrentes no homem e na mulher de cor como também sua realização subjetiva - quer do negro ou do mulato - só se efetiva pela sanção e aceitação provenientes do mundo branco. É, portanto, a incapacidade de reconhecimento de si e impossibilidade de realização subjetiva a partir desse reconhecimento (Barros, 2021, s/p).

O “negro de pele clara” ou o “mulato” mencionado por Fanon é uma questão de grande complexidade que não é possível desenvolver aqui. Mas é possível dizer que o negro de pele clara ou pele preta são inferiorizados pelo complexo da racialização do não reconhecimento. Usar a *máscara branca* é uma estratégia de sobrevivência. É a epidermização da máscara branca pelo negro enquanto estratégia. O que de modo algum é algo a se diminuir na construção do *entusiasmo negro*. Obviamente o negro não pode se desentusiasmar ao sobreviver. Mas o uso das máscaras brancas carrega armadilhas. É possível recortar do seguinte trecho as armadilhas a que Fanon (2020) se refere:

- Veja só, meu caro, o preconceito de cor é algo que desconheço... Mas, claro, senhor, pode entrar, o preconceito de cor não existe aqui entre nós... Exatamente, o negro é uma pessoa como nós... Não é porque é negro que ele é menos inteligente que nós... Tive um colega senegalês no regimento, ele era muito fino... (Fanon, 2020, p. 128).

Ou seja, para uma dada reflexão do trecho, estabelece-se o que é ordinário e extraordinário, as distorções entre um médico e o médico racializado e os perigos de se usar a máscara branca na fixação do olhar branco sobre o negro. O negro para ser elogiado foi preciso *afiná-lo*. Foi preciso falar de um elefante que a princípio diriam que não estava ali. E, desse modo, Fanon (2020) continua argumentando: “Onde me esconder? - Olha o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a gente...” (Fanon, 2020, p. 129). Sobre esse trecho, Fanon (2020) explica como o negro é uma ameaça em potencial, mesmo usando as máscaras brancas. E isso é verdade por causa do negro ser um negro e todos se igualarem na zona do

não-ser, que é a zona do inferior e do não-humano. *Cada negro* corresponde a *todo negro*. O diferente é o mesmo. Isto é, todos os negros são iguais nos pressupostos de que o negro é uma ameaça em potencial.

Contudo, para esse segundo momento de *criação de uma nova realidade* em Fanon (2020), o negro é heterogêneo e o futuro é aberto e imprevisível. Já para o passado a “descoberta da existência de uma civilização negra no século XV não me garante um certificado de humanidade. Querendo ou não, de forma alguma o passado será capaz de me guiar no presente” (Fanon, 2020, p. 236). Ou seja, Fanon (2020) parte de uma afirmação sobre o passado, presente e futuro em relação à luta que deve ser travada para uma *nova realidade*.

Nesse segundo momento é importante explicar a noção de passado, presente e futuro segundo a prática política fanoniana. Isso porque com essa noção é possível entender que o futuro não anda como uma cabeça, o futuro anda sem o corpo, ou o passado não é o fantasma que não pode se encarnar. Nesse sentido, negro e branco são pares dialéticos de um sistema burguês que se contradiz e se destrói, ambos podem ser falsos na luta dos universais. No caso, negro e branco são falsos universais que se remetem a um passado imemorial para a superação das raças. Por quê? Porque, para Fanon (2020):

O problema aqui considerado se situa na temporalidade. Serão desalienados negros e brancos que se recusarem a se deixar enclausurar na Torre Substancializadora do Passado. Para muitos outros negros, a desalienação virá, ademais, da recusa em considerar a atualidade definitiva (Fanon, 2020, p. 237).

A crítica fanoniana se concentra contra as noções que valorizam um resgate do passado. Na verdade, se é um passado que tem que resgatar, esse é um passado humano, não um passado negro ou branco, ou negro e branco. “Sou um ser humano e é todo o passado do mundo que tenho que resgatar” (Fanon, 2020, p. 237). O que não quer dizer que não deve ser feita uma *descrição do real* que, por sua vez, congemina o passado no presente. A *criação* não vem tanto do negro enquanto *mediação* na dialética das raças sartriana, nem tão pouco esquecendo do salto ao desconhecido, fugindo de qualquer escatologia e futurismo.

Neste último [descrição do real] se percebia o desejo de ser branco. Uma sede de vingança, em todo o caso. Ali [criação do real], pelo contrário, observamos os esforços desesperados de um negro que se empenha em descobrir o sentido da identidade negra. A civilização

branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial. Mostraremos em outra parte que, com frequência, aquilo que é chamado de alma negra é uma construção do branco (Fanon, 2020, p. 27, colchetes nosso).

Não é, pois, revivendo um passado negro injusto, de morte e dor, que “celebra o passado à custa do meu presente e do meu futuro” (Fanon, 2020, p. 237), que um negro se revolta e revoluciona. E sim é pelo motivo que “respirar se havia tornado impossível a ele” (Fanon, 2020, p. 238). Trata-se de uma prática presente. Para sua prática presente e política, Fanon (2020) pergunta de maneira contestadora se “não tenho mais nada a fazer nesta Terra além de vingar os negros do século XVII?” (Fanon, 2020, p. 239), respondendo aos que tem a raça como condição ontológica do ser social.

Do mesmo modo com o futuro, o “futuro não é o do cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum devo me propor preparar o mundo que me sucederá” (Fanon, 2020, p. 27). O que, de algum modo, critica tanto a especulação das ontologias fictícias e dos universalismos e essencialismos. Para Fanon (2020), “pertencço irreduzivelmente à minha época” (Fanon, 2020, p. 27). Ora, pois, para ele o futuro deve ser construído no presente.

Nesse sentido, nesse segundo momento da *criação da realidade*, em todo o processo a luta pra Fanon (2020) não está em bradar ódio ou gratidão ao branco, e sim, a luta dele está por uma concepção humanista e radical. O negro deve mostrar ao branco, que questiona sua humanidade, “fazendo todo o peso de ser humano pesar sobre sua vida, mostrando que não sou esse “y’a bom banania”¹⁵ que ele insiste em imaginar” (Fanon, 2020, p. 240).

Então, entre as *máscaras brancas* e suas armadilhas, Vitorio (2020) afirma:

Subsumido aos estereótipos, à personificação, e à mercantilização do seu corpo, caberá ao próprio negro o seu resgate, devendo buscar em sua existência negra e em sua história silenciada, caminhos que ressoam para sua (re)existência. Neste percurso, o negro pode tornar-se visível, numa relação Eu e Outro, constituindo sua subjetividade livre dos imperativos da norma branca, tornando o seu corpo próprio de si mesmo (Vitorio, 2020, p. 25).

Isto é, nesse segundo momento da *criação* para uma *nova realidade*, Fanon (2020) diz que se descobre “um dia no mundo e reconheço a mim mesmo um único

¹⁵ Segundo a explicação de Fanon (2020), a expressão se refere a um personagem senegalês sorridente que estampava embalagens e materiais promocionais altamente denunciado por suas conotações racistas.

direito: o de exigir do outro um comportamento humano” (Fanon, 2020, p. 240). Exige-se do branco a humanidade que ambos têm, o branco e o negro.

Não olhando para a História a fim de buscar um destino, ou não olhando para uma farsa negra ou uma ética branca, “devo me lembrar a todo momento de que o verdadeiro salto consiste em introduzir na existência a invenção” (Fanon, 2020, p. 240). Esta invenção é encontrada no presente. Ou seja, entre o passado, presente e futuro, para Fanon “não existe missão negra; não existe fardo branco” (Fanon, 2020, p. 240). Existe a invenção da existência no presente.

Assim, o mesmo corpo negro que sofre a epidermização a partir da inferiorização forjada e imposta pelo branco em um primeiro momento, em um segundo momento é o mesmo corpo que deve ser conhecido, que exige sua humanidade. E exigir sua humanidade é entender que um “povo que empreende uma luta de libertação raramente legitima o racismo” (Fanon, 2021, p. 31), entre uma missão e um fardo. Mesmo “no decurso de períodos agudos de luta armada insurrecional, nunca se assiste a uma tomada maciça de justificações biológicas” (Fanon, 2021, p. 31). Acontece, pois, diferentemente ao corpo branco, que não se assume enquanto corpo branco, pois é o natural e o universal tidos como obviedades cotidianas. Enfim, a “luta do inferiorizado situa-se a um nível nitidamente mais humano” (Fanon, 2021, p. 31).

O negro, saindo da esfera do não-ser, olha para a universalidade branca que se apresenta neutra e vê que o rei está nu. Olha para o branco como desumano. Ao olhar o branco pelo negro, o negro já não está mais na esfera do não-ser, e sim na esfera da positivação de um ser que não carrega a normatividade branca. Ao olhar o branco particular, o negro propõe uma nova universalidade, um humanismo crítico e radical. Uma nova totalidade.

CORPO EM FANON: DA EPIDERMIZAÇÃO E INTERIORIZAÇÃO DO RACISMO À ÚLTIMA PRECE

“Minha última prece: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione!” (Fanon, 2020, p. 242)

A partir da crítica fanoniana aos maniqueísmos de branco e negro, superior e inferior, humano e não-humano e de como isso se insere em patamares do desen-

volvimento de *descrição* e *criação* da realidade, da filosofia política sobre o novo humanismo, radical e de tática racial, que não relega ao passado negro, mas afirma a proposição humana, como compreender a construção do corpo em Fanon?

Segundo Faustino (2016), para Fanon, na medida que se acredita que alguém é inferior ou superior, humano ou não-humano, por ser branco ou negro, é necessário reconhecer que esta crença está assegurada pela “raiz da figuração do colonizado como um ser enclausurado em seu corpo, tido quase sempre como bruto, rústico e emocionalmente instável, em contraposição ao europeu, apresentado sempre como expressão universal das qualidades úteis ao controle do mundo” (Faustino, 2016, p. 56). O colonizado, por exemplo, interioriza a inferiorização do corpo através da epidermização enquanto processo de destituição da realização do próprio corpo negro enquanto uma possibilidade. Estando ele inferior e não-humano, começa a ver-se a partir da perspectiva distorcida do colonizador. “A fantasmagórica e hierárquica contraposição binária entre branco X negro é assumida por ambos como identidades fixas e essenciais, moldando de forma empobrecedora a percepção de si e do mundo” (Faustino, 2016, p. 56).

Para Mbembe (s/p), Fanon reconhece a redução do ser em corpo negro mutilado no sistema colonial pelo trabalho do racismo anti-negro. A partir disso, para ele, o pensamento de Fanon estende seus estudos na originalidade da análise da psicanálise. Primeiro, diria Mbembe (s/p) sobre Fanon, “[...] em situação colonial, o trabalho do racismo visa, em primeiro lugar, abolir toda a separação entre o eu interior e o olhar exterior” (Mbembe, s/p, p. 2). Isso decorre do processo de “anestesiá-los os sentidos e de transformar o corpo do colonizado em coisa, cuja rigidez lembra a do cadáver” (Mbembe, s/p, p. 2). A anestesia dos sentidos e a redução da vida levam a um corpo negro desprovido de carências. “As relações do homem com a matéria, com o mundo, com a história transformam-se em simples ‘relações com o alimento’” (Mbembe, s/p, p. 2). Isto é, para Mbembe, filósofo da necropolítica, o corpo que é negro é analisado por Fanon como o corpo que não vive de maneira omnilateral, mas vive apenas como o corpo do “não morrer”, de apenas “manter a vida”. Para o filósofo camaronês, isso significa ter um estômago cada vez mais reduzido e que exista com cada vez menos dispêndio de capitais.

Esta anexação do homem pela força quase fisiológica da carência e pela matéria do estômago constitui o “tempo antes da vida”, a “grande noite” de onde há que sair. Reconhece-se o tempo antes da

vida no facto de, sob a sua influência, não se tratar, para o colonizado, de dar um sentido à sua existência e ao seu mundo, “mas antes de dar um à sua morte”. E foi ao esclarecimento das expectativas deste diferendo e ao seu derrube em favor das “reservas de vida” que Fanon se dedicou (Mbembe, s/p, p. 2).

E esse corpo, que é cósmico, espontâneo, sexual, emotivo, instintivo e animal, deve ser dominado pela razão, pressupondo a dualidade corpo e razão como mais um dos maniqueísmos. Faustino (2016) trata isso em Fanon do seguinte modo:

É a razão que expressa a humanidade e não o corpo, em seus instintos denunciadores de nossa dimensão natural/animal. Em uma perspectiva humanista, é a razão que permite expressar a liberdade e a autodeterminação humana na medida em que o Homem toma a natureza - incluindo o seu corpo - como objeto de sua realização. A Razão é própria do humano e a natureza, o meio pelo qual o sujeito se realiza. Porém, o sujeito universal é branco, e o negro, mero corpo animalizado, é apenas a condição de sua satisfação. Diante da situação colonial, o branco é apresentado como expressão universal do ser humano, e o negro, quando se lhes apresentam, é especificamente corpo: o branco é universal e o negro é específico; o branco é sujeito, o negro, objeto; o branco é razão, o negro, emoção; o branco é ciência, tecnologia, filosofia, o negro, simplesmente corpo (Faustino, 2016, p. 67-68).

Isto é, há também o privilegiamento do debate da razão e da racionalidade, já que é a razão colonialista que trava os maniqueísmos e que acredita ser ao mesmo tempo a chave da liberdade destes maniqueísmos ao passo que determina e autodetermina a Natureza e seu corpo. Daí, pois, que o negro é animalizado enquanto corpo que é realizado pela razão branca e ocidental, e é apenas condição desta razão. Separa-se corpo e razão e o negro é só corpo. A epiderme negra é determinada pela razão fixadora branca. A clausura racial, diagnosticada por Fanon, é introjetada no seio da subjetividade negra, forjando uma forma constitutiva do sujeito negro que só se realiza enquanto passível de reconhecimento, na visão racializada pelo crivo do branco, a partir de seu desejo. Se a raça é uma invenção branca (Fanon, 2020), que utiliza do operador racial como fundamento ontológico da diferenciação, o negro, enquanto corpo da diferença, só existe enquanto tal na medida que é coagido pelo desejo ambivalente tanto pelo branco quanto pela brancura (Fanon, 2020). Posto dessa forma:

A existência [...] retorna ao caráter existencial que tensiona a divisão racial engendrada pelo colonialismo, onde o Ser-branco dispõe do

gozo da existência, na exata em medida em que o ser-Negro é antecipado pela imagem de escravo de seu destino epidermizado (Araújo, 2023, s/p).

A divisão racial tensiona uma formatação entre o ser e o existir que se sustenta a partir de uma organização que orbita em termos do corpo. Assim, o conceito chave para o corpo é o de *epidermização do racismo*. Basicamente, o conceito explica que ao se defrontar com o racismo, o negro interioriza um *complexo de inferioridade* e inicia um processo de *auto-ilusão*, buscando falar, pensar e agir como o branco. Contudo, pode chegar um momento que o negro se depara novamente com o olhar *fixador do branco*. Neste momento, as máscaras brancas são despidas.

Como se caracterizaria todo esse processo? Nesse processo, a “exploração, torturas, razias, racismo, liquidações coletivas, opressão racional, revezam-se a níveis diferentes para fazerem, literalmente, do autóctone um objeto nas mãos da nação ocupante” (Fanon, 2021, p. 14). Em método, tomado como objeto em suas mãos, o fenômeno pode ser descrito de fora. Assim a *epidermização do racismo* remete à discussão sobre a percepção fenomenológica do corpo negro pelo Outro imperial e racista. Isto é, o fenômeno que pode ser descrito por fora é tomado como parte epidérmica do objeto que se tornou o negro depois de todo o processo de alienação, depois de todo o processo de se tornar um autóctone nas mãos dos seus ocupantes.

Para tanto, o racismo não pode esclerosar-se em sua relação com o corpo, tem que se renovar. É preciso trocar sempre suas vestes frente ao gênero humano que diversifica seu corpo. Fanon (2021) vai no seguinte caminho:

Como as Escrituras se revelaram insuficientes, o racismo vulgar, primitivo, simplista, pretendia encontrar no biológico a base material da doutrina. Seria fastidioso lembrar os esforços empreendidos nessa altura: forma compara de crânio, quantidade e configuração dos sulcos do encéfalo, características das camadas celulares do córtex, dimensões das vértebras, aspecto microscópico da epiderme etc (Fanon, 2021, p. 7).

São produzidos diversos argumentos com base nessa direção, são inventadas as ciências e os mitos da “‘a labilidade emocional Negro’, ‘a integração subcortical do Árabe’, a ‘culpabilidade quase genérica do Judeu’” (Fanon, 2021, p. 8).

Nesse sentido, o corpo em Fanon é aprisionado pelo branco implacável; o negro se distancia da sua presença e se faz objeto. “O que mais seria isso para mim,

senão um descolamento, uma extração, uma hemorragia que fazia sangue negro coagular por todo o meu corpo?” (Fanon, 2020, p. 128). Nesse momento, Fanon (2020) alega o seguinte sobre o seu corpo:

Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais. Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos - e então me arrebetaram o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros e, acima de tudo, acima de tudo o mais: “Y’a bon banania” (Fanon, 2020, p. 127).

Isto é, o negro se descobre corpo no distanciamento da sua presença, na qual o branco, ao mesmo tempo que engole sua presença, na sua antropofagia cria o negro enquanto negro, usando das suas racionalidades fragmentadoras. Seu corpo negro, que é triplo e é quádruplo, que guarda dentro de si corpo, raça, ancestralidade e etnia, é determinado a ser corpo negro. Mas ao mesmo tempo é uma metafísica, é também efetivo, é definitivo entre o corpo e o mundo, sobre o qual Fanon (2020) explica:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo, reina uma atmosfera de clara incerteza [...] lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e temporal, parece ser esse o esquema. Ela não se impõe a mim, é em vez disso uma estruturação definitiva do eu e do mundo - definitiva, porque se estabelece uma dialética efetiva entre meu corpo e o mundo (Fanon, 2020, p. 126).

Assim, o negro para o branco é existência, e não ontologia, encontrando dificuldades em construir seu esquema. Contudo, essa existência do negro é uma alegoria em carne da subserviência, não pode existir enquanto sujeito dotado de si, sempre é agenciado perante o olhar interditor e hierárquico do branco. Não há resistência ontológica do negro contra o branco. Ele tem que existir para o branco, e sua existência não tem resistência ontológica. Nas palavras de Fanon (2020), “[...] qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada [...] O negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco” (Fanon, 2020, p. 125). Assim, sua metafísica e as instâncias às quais remetem foram abolidas na contradição com a civilização branca. Acaba existindo na visão de mundo do colonizado “uma impureza, uma tara que impugna qualquer explicação ontológica” (Fanon, 2020, p. 125).

Nesse sentido, como acontece uma interdição ontológica, já que o negro é existência e não ontologia aos olhos do branco, isto é, o negro é uma alegoria da impossibilidade que só é vista no lugar inferiorizado da diferença? É possível argumentar da seguinte maneira:

Segundo Fanon, o negro, desejando descobrir o sentido de si e das coisas, processo existencial comum do homem, se descobre objeto e entrega sua objetividade ao outro (branco). Esta “entrega” opera quando a existência negra, alienada e irrefletida, sofre uma redução do seu corpo a uma aparência ou signo fixados pela linguagem do colonizador. O enclausuramento em uma objetividade condiz com a interdição do negro ao domínio do desejo e da sua própria subjetividade, sendo ele fixado somente nas condições de possibilidades (do real, da linguagem e do conhecimento) do mundo branco (Vitorio, 2020, p. 17).

Ou seja, a interdição ontológica acontece quando o negro se descobre negro pelo olhar do branco que o reduz ao corpo colonizado. Este corpo colonizado é negro, inferior, animal, não-humano, doente, puramente sexual, físico e objeto de desejo e narcisismo do branco. Isso aqui é a epidermização do racismo. Como bem pontua Neusa Santos (2021), a condição de existência do Negro, frente ao processo de assimilação decorrente da epidermização, é da ordem do estabelecimento da brancura como condição única de existência. Para a autora, o inconsciente do negro assume uma função retroativa quanto a sua negrura, renegando o próprio corpo¹⁶ e direcionando-se para um lugar outro onde seja possível se realizar enquanto sujeito. Em termos psicanalíticos, há o estabelecimento de um ideal de ego branco para que o ego ideal seja suficientemente embranquecido a ponto de, no limite, o Negro passar a existir como um humano ao se tornar, pelo menos em sua fantasia, humanamente branco.

Diferentemente do que anteriormente era postulado, onde a categoria de inconsciente seria um construto uníssono quanto a sua estrutura, de modo que seria impossível atestar um lugar passível de racialização (Nogueira, 2021), o que Fanon aponta é para a possibilidade da construção de outra subjetividade, na qual a raça seria não só um determinante do processo de consolidação do Eu, como seria, sobretudo, um demarcador que circunscreve a subjetivação a partir do corpo interdi-

¹⁶ O corpo do negro é negado enquanto processo de interiorização da noção negativada da negrura. Sendo o negro visto como a contraparte inferior que encarna na pele a violência e a interdição, a estrutura psíquica demanda um lugar outro para que possa continuar existindo. Dessa forma, o negro nega a sua negrura e passa a assumir uma tentativa de tornar-se um sujeito outro ao encarnar as formas de ser e existir típicas da brancura como saída para sua continuidade de vida.

tado. A epidermização, dessa forma, toma contornos de demarcação do corpo como instância primeira e última da subjetivação, onde a linguagem seria marcadora não só da diferenciação como também da constituição subjetiva, ao encarnar em léxico a dimensão persecutória da racialização negra enquanto uma diferente (Gonzalez, 2020; Nogueira, 2021).

Todavia, este mesmo corpo, objetificado e visto, é o corpo que vê, age e reflete conscientemente sobre o mundo. Fanon (2020) tem a noção não só passiva, do corpo negro que recebe os estereótipos, mas sim a noção ativa do sujeito que tem corpo. É dialético, ao passo que vê, é visto, ao passo que marca, é marcado, ao passo que fere, é ferido, ao passo que animaliza, é animalizado. O corpo é visto pelo outro, vê o outro e nos permite imaginar como o outro nos vê. Mas não só imaginar, pois o mundo é luta prática e cultural.

E essa dialética serve igualmente ao branco, que quando animaliza, se animaliza. Contudo, as perspectivas do negro são radicalmente novas, situa-se a um nível mais humano.

Esse corpo negro que é visto e vê é assim de tal maneira que se apresenta de modo diferente da noção dominante do pensamento ocidental que supõe a separação entre corpo e alma. Fanon critica a noção do corpo situado no mundo, ele apresenta uma crítica ao dualismo corpo e alma, razão e emoção. Para Fanon (2020), não há uma oposição entre corpo e alma, na qual um negro metafísico pode avançar esquecendo do seu corpo. Ele afirma o seguinte: “Sim, nós (os negros) somos primitivos, diretos, livres nas nossas manifestações. É que o corpo, para nós, não se contrapõe ao que vocês chamam de mente. Estamos no seio do mundo. E viva o casal Homem-Terra” (Fanon, 2020, p. 140). Está inserida nessa sua análise a crítica à mistificação do negro, Fanon não constrói um corpo que resgata o misticismo da intelectualidade primitiva, não aceita o negro enquanto ser guardião da Natureza para o perdão e a salvação branca. Não é o negro que salvará o branco quando ele destruir a natureza.

Contudo, quando o branco se coloca na frente do negro, lhe tira pelos processos colonialistas, racistas e alienantes a sua condição ontológica de sujeito, sendo posto como objeto e apenas corpo. Isso é definido para Fanon (2020) como a *epidermização do corpo negro*. É o “corpo não dotado de razão, alma e humanidade. A objetificação e animalização do negro se caracterizam pela anormalização da

sua corporeidade” (Vitorio, 2020, p. 23). É uma oposição proporcional meticulosamente criada, em que se tratando do negro se tem o seguinte:

[...] é uma polaridade proporcionalmente articulada: a extensão misticamente avantajada do pênis do negro corresponde, no nível do fetiche, ao subdesenvolvimento de suas faculdades mentais e, por isso, nessa fantasia, nada se espera do negro que não seja as habilidades próprias do corpo: o futebol, a dança, a sensualidade, as cores, a ginga, a malícia, a virilidade, a libido incontável e um corpo descomunalmente animal(izado) (Faustino, 2016, p. 70).

Segundo Faustino (2016), espera-se que o colonizado “participe do processo de produção e reprodução da vida apenas através de seus músculos, ou seja, de sua força de trabalho” (Faustino, 2016, p. 68), do trabalho degradado, manual e séptico. Onde é possível ver explicitamente uma radical divisão racial e técnica do trabalho em trabalhadores negros manuais e trabalhadores brancos não-manuais na colonialidade branca. E que, nesse processo resumido aos músculos, quando o negro usa a cabeça, tem no horizonte lidar apenas com os jogos do colonizador, com os jogos do branco. Músculo e cérebro são subjetivados pela razão inferiorizada da brancura.

Para uma boa descrição do corpo negro no que se entende em Fanon por epidermização do corpo negro, Vitorio (2020) descreve o seguinte:

O corpo negro: colonizado, incivilizado, aculturado, subjetivamente e objetivamente alienado, não passa de um corpo negro: “Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutaado, naquele dia branco de inverno” (ibid., p. 106). Sua participação no mundo foi rejeitada, amputaram seu entusiasmo. Exigiam seu confinamento, seu encolhimento. A feiura, a maldade, a animalidade, associada a negro são internalizadas em sua consciência. Em um dado momento o negro decide entrar na luta, reconhece a raiva, o fogo que estava morto e reacendeu. Desde que viu ser impossível livrar-se de um pretenso “complexo inato”, que de fato é um complexo construído socialmente e imposto sobre ele, decide afirmar-se como negro. Na impossibilidade de reconhecimento, faz-se conhecer. O negro é sobredeterminado pelo exterior, pela sua aparição. Fixado, o negro é visto como um novo tipo de homem, um novo gênero. Visto pela superfície, lhe atribuem axiomas (Vitorio, 2020, p. 23-24).

Isto é, o corpo negro é fixado exteriormente pelos axiomas do colonizador e essa fixação é despedaçadora e desproporcional. É inumanizante. Esta razão que fixa o corpo negro também o despedaça em um corpo que é só pênis ou é só músculo que trabalha. “A experiência do corpo negro é ser reduzido genitalmente, des-

conjuntado socialmente e predeterminado pela sua racialidade. Sua falta de humanidade se dá a partir de características fenotípicas e morfológicas. É na corporeidade que se atinge a existência do negro” (Vitorio, 2020, p. 23-24). E esse despedaçamento é interiorizado pelo negro a tal ponto que ele começa a se ver de tal modo, o fazendo conhecer. E isso acontece até as máscaras brancas caírem para a produção de um novo homem, de um novo humanismo proposto pelo projeto do inferiorizado.

Nesse sentido, corpo e alma, corpo e consciência são diferentes, mas indissolúveis. O corpo é a perspectiva para o avanço. “O negro, em determinados momentos, está preso em seu corpo” (Fanon, 2020, p. 236). Mas, a um determinado momento a consciência se torna ativa e o corpo se torna seu objeto, “para um ‘ser que adquiriu consciência de si e de seu corpo, que alcançou a dialética entre o sujeito e o objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto de consciência’ [citação de Maurice Merleau-Ponty]” (Fanon, 2020, p. 236).

Pelo corpo é possível agir no mundo. O corpo faz referência aos sentidos. Mas o corpo do negro é tido como um objeto entre objetos. É coisificado no processo alienador. Sobre o corpo do negro, Fanon diz “eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (Fanon, 2020, p. 125). O corpo do negro é o objeto entre objetos do olhar estereotipado do branco.

E esse corpo é construído por uma ciência racista, em que os cientistas, somente após muitas reticências, “admitiram que o negro era um ser humano; tanto in vivo quanto in vitro, o negro havia se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia” (Fanon, 2020, p. 134). Descobriu-se que o negro era ser humano, tinha o coração do lado esquerdo. Mas mesmo assim, suas reticências têm limites, não se admitirá os cruzamentos das raças, pois isso abaixaria o nível psíquico e mental do gênero humano. Já a “respeito dos meus cromossomos, descreviam alguns genes mais ou menos espessos, representando o canibalismo. Assim como os *sex-linked*, descobriam os *racial-linked*. Uma vergonha de ciência!” (Fanon, 2020, p. 135).

Desse modo, o corpo fanoniano não é ontológico. Mas precisa recuperar sua ontologia. É preciso ser afirmado e tornado o invisível visível. Contudo, irá questionar Fanon (2020):

Como? Embora fosse eu que tivesse todos os motivos para odiar, para detestar, eles me rejeitavam? Embora devessem me suplicar e rogar, negavam-me qualquer tipo de reconhecimento? Já que era impossível que eu me desprendesse de um *complexo inato*, decidi me afirmar como NEGRO [noir]. Já que o outro hesitava em me reconhecer, só restava uma solução: fazer com que me conhecessem (Fanon, 2020, p. 130).

Para Fanon (2020), o corpo marca o negro a ser conhecido, a conhecer e a fazer conhecer. Argumentaria ele que diferentemente do judeu, “no meu caso, tudo ganha uma *nova cara*. Nenhuma chance me é concedida. Sou sobredeterminado a partir do exterior. Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparência” (Fanon, 2020, p. 131). Isto é, diferente do judeu, que por seu passado ou por sua organização era violentado e inferiorizado, para o negro a “evidência estava ali, implacável. Minha negrura estava ali, densa e indiscutível. E ela me atormentava, me perseguia, me inquietava, me exasperava” (Fanon, 2020, p. 132). De novo, o corpo fazia referência aos sentidos humanos. É sua marca epidérmica.

Enquanto foi dado a Fanon (2020) um corpo construído pelo Outro, o outro branco, ele diz que “havia criado, por baixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial” (Fanon, 2020, p. 126). Ao invés de um eu fisiológico, que tentavam não mais “carregar o peso dessa maldição corporal” (Fanon, 2020, p. 126), estava sendo construído um corpo pela historicidade do “Olhe, um negro!”. Ou seja, surge esse estímulo externo que fez tudo desabar. Sobre essa ideia, Fanon (2020) argumenta o seguinte:

O esquema corporal, atacado em vários pontos, então desabou, dando lugar a um esquema epidérmico racial. Se em um primeiro momento era um corpo em terceira pessoa, agora era em tripla pessoa. “Eu existia triplamente: ocupava um lugar, ia na direção do outro... e o outro - evanescente, hostil, mas não opaco, e sim transparente, ausente - desaparecia. Era nauseante... (Fanon, 2020, p. 127).

O esquema corporal do homem negro que encontra dificuldades e incertezas, elabora um esquema histórico-racial, que desmorona diante da epidermização do racismo. É a náusea de algo tão certo e efetivo quanto ofuscante e que aponta para vários lados. Olha o que Geraldo (2017) diz sobre esse trecho de Fanon (2020):

Do ponto de vista fenomenológico, na construção do eu enquanto corpo no mundo espacial e temporal, haveria uma estruturação do

eu e do mundo em que nenhum esquema se imporia, pois entre meu corpo e o mundo se estabelecería uma dialética efetiva. Entretanto, observa o autor, para o homem negro, abaixo do esquema corporal há um esquema histórico-racial. O esquema corporal desmorona, cedendo lugar a um esquema epidérmico-racial (Geraldo, 2017, p. 136-137).

Assim, nessa epidermização racial, o corpo negro está preso à natureza, aos instintos selvagens, à sexualidade, é sensível, é místico-social, é místico-natural. Segundo Vitório (2020), para Fanon:

[...] o homem negro é, dentro da sociedade colonial, negado como humano por ser muito corpo e afirmado como coisa, instrumento, animal. O macho preto, masculinizado, instrumentalizado em seu órgão genital, dessemelhante do branco, tem seu instrumento fálico reduzido a ideia de força, virilidade e esses discursos procuram legitimar a escravização, o trabalho forçado, pesado, destinado a homens negros (Vitório, 2020, p. 23).

Isto é, o corpo que é corpo e mente para o colonizador é tornado apenas corpo. Este corpo é todo despedaçado, aumentado e diminuído suas partes ao bel prazer do branco narcísico. O corpo negro se torna efetivo na epidermização do racismo. É subjetivado objetivamente seu corpo pelos maniqueísmos do colonialismo. A colônia é criada como um lugar maldito, em que o corpo do negro é a morte. E, como o corpo é consciência também, o negro incorpora esses complexos inferiorizantes e os tornam inatos.

Mas, como o corpo que é olhado também pode olhar, o negro se conhece. Usa de máscaras brancas. Entusiasma com a linguagem, com o pênis grande, com o corpo aumentado e supervalorizado. Até que as máscaras se tornam ao mesmo tempo uma estratégia de sobrevivência e também uma armadilha. Frente a essas armadilhas, o negro se vê diante da construção do projeto de um novo homem que só pode ser feito no presente.

CONCLUSÃO

A guisa de conclusão pensamos que a questão se existiria ou não uma construção enquanto proposta filosófica e política sobre a dimensão do corpo na obra de Frantz Fanon talvez não seja o questionamento que melhor se encaixe na complexidade de pensamento do martinicano. Mas sim, de qual a dimensão da corpo-

reidade para realização do sujeito na sociedade frente ao que se apreende de seu corpo. Se debruçar pelo pensamento fanoniano é lidar, continuamente, com um processo tanto de denúncia das querelas deixadas pelo colonialismo na contemporaneidade, quanto também, e principalmente, de se ver diante de apontamentos enquanto possibilidades de realidades outras. O lugar do corpo na obra de Fanon não é outro senão da centralidade.

Ao discorrer sobre as consequências do colonialismo para a existência em sua totalidade, abarcando as dimensões objetivas e concretas da economia e da política, em conjunto com as dimensões subjetivas e inconscientes da linguagem e do psiquismo, o ponto de encruzilhada se dá justamente no sujeito que dispõe de um corpo que não é só interdito e cindido, como também diferenciado numa hierarquia racializada e assimilado a um lugar distante do seu. Ao pontuar a diferenciação não somente no, mas a partir do corpo, Fanon consegue trazer à tona a forma como um indivíduo se consolida enquanto um outro de si mesmo. A noção de raça enquanto operador ontológico de diferença, que não apenas circunscreve como também delimita as possibilidades de existência tanto para o branco quanto para o negro, engendra, consigo, uma determinação racial do processo de subjetivação humana.

O corpo é corpo e mente, é afeto e consciência, é objetividade e subjetividade, é interno e externo, é ativo e passivo. O corpo é um fenômeno. O corpo enquanto fenômeno no capitalismo colonialista eurocentrado e mundializado se dá em maniqueísmos, branco e negro, inferior e superior, humano e não-humano e ser e não-ser. Nesses maniqueísmos, o corpo negro é o inferior, não-humano e o não-ser. É emoção, corpo e virilidade como essencialmente negro. É determinado por diferentes complexos, o *complexo inato* e o *complexo de inferioridade*, “o acometimento em massa de um complexo psicoexistencial” (Fanon, 2020, p. 26). É alienado e fetichizado de múltiplas maneiras. É eternizado enquanto negro.

Antes, tinha-se processos racializadores, inferiorizadores e desumanizadores mais primitivos para a criação maniqueísta. Brutalizava-se pelo tamanho do crânio. Com a complexificação social, passou-se a violentar o corpo negro pela cultura e por processos mais sofisticados, como naturalizações de que o negro não sabe filosofar, só sambar, é musculo e não intelecto. A democracia burguesa é uma operação ultramoderna que em seus diversos níveis de desenvolvimento mistifica essas natu-

realizações. Contudo, a marcação pelos fenótipos, pela anatomia, pela morfologia, pela fisionomia, pela mistificação e pela fisiologia nesses termos jamais é substituída pela guerra cultural, mas sim ampliada, complexificada e sofisticada.

Nesse sentido, o corpo negro é alienado econômico, político e militarmente e tornado objeto passivo. Acentua-se a diferenciação completa cuja a ontologia do ser é impossibilitada frente ao projeto colonial de diferenciação racial, que faz da raça um operador ontológico de diferença, na qual o negro não cabe dentro da mimese branca e humanidade.

Como existência, é determinado por processos de não-ser e de nadaificação. Ao ser existência, é passivo de interiorizar a alienação e os fetiches colonialistas e racistas, o que torna a análise fanoniana da psicologia e da psicanálise privilegiadas. O que é epidérmico, se interioriza. O que é marcado pelo corpo como negro, é interiorizado também como negro. O corpo é enclausurado para uma guerra mais sofisticada.

O corpo, pela percepção fenomênica, capturado por processos econômicos, políticos e militares colonialistas e racistas, é determinado pelo que Fanon conceitua e foi desenvolvido como epidermização do racismo. A epidermização do racismo é a determinação exterior pelo olhar do colonizador que desmorona o esquema corporal e histórico-racial e o afeta politicamente, pela violência física e moral, como um corpo só de musculo, falocêntrico e que pensa com os “detalhes, anedotas e relatos” (Fanon, 2020, p. 127) do colonizador.

Seu corpo não é mais humano. É fragmentado, esticado e aumentado. É visto como negro e inferior. Recortado como pura força de trabalho, como objeto sexual, como genitálias do desejo narcísico da branca, como animal protetor da natureza, como coisa mística defensora da magia e do cosmos, entre outras mutilações.

Porém, é por esse narcisismo que a emancipação humana do branco europeu trai a si mesmo, pois sua emancipação se coloca como um falso universal que olha o mundo a sua semelhança. O corpo negro é desejado pela mulher branca como objeto fálico e como músculos volumosos, reservado à proteção da natureza cósmica para a redenção da destruição branca do mundo e é ativo econômico de exploração e opressão. Mata-se o negro para ganhar eleições e defender a democracia. Por fim, seu projeto é mais radical, mais humano e é por libertação.

Suas máscaras caem. E para Fanon (2020) é preciso exigir sua humanidade, impossível no colonialismo, que interdita sua ontologia, que impede a alteridade que reside a possibilidade de compreensão do outro, que impede estabelecer uma relação de ser um para consigo de tal modo que não se delimite enquanto uma corruptela da brancura; na forma como o autor coloca, é como se a experiência de ser-negro se desse enquanto diferenciada do próprio corpo.

O negro, enquanto figura representada de forma negativada pelo branco frente a consolidação do processo colonial, assumiria o lugar de encarnar, em seu corpo, tudo aquilo que a brancura não queria para si e tampouco vislumbrava de se enxergar. A brancura se tornou sinônimo de virtuosidade da racionalidade. Encarnou em seu corpo a possibilidade de ser a própria dimensão do ser, uma alegoria universalizada do que seria um humano. Em termos, o branco se torna não só o sujeito como também o próprio humano, deixando para o negro o lugar oposto. Se para si reivindica a razão e a humanidade, para a negrura relega a bestialidade e as dimensões que seriam típicos de seres vistos, por seus olhos colonizadores, como inferiores.

Nesse esquema, há uma cisão: a brancura auto reivindicada como virtuosa, ao mesmo passo que impõe, através da força, o lugar de inferioridade e subalternidade para a negrura. Tal processo configura a forma como, para o branco, o negro se torna o seu outro; o outro indesejado, relegado, inferiorizado e animalizado como uma impossibilidade para si. O outro do branco encarna tudo aquilo que um humano pode ser, e este o é senão um outro enegrecido. O que Fanon denuncia, nestes termos, é que ao invés do outro do negro ser exclusivamente o branco, que se apresenta como sua contraparte violentadora, ele é, na realidade, o próprio negro.

Se o outro do branco é o negro, o outro do negro também é, fazendo do corpo um marcador de diferenciação a tal ponto que para existir o negro necessite não apenas buscar uma outra forma de humanidade que lhe possa caber, como também necessita, por conta do processo de epidermização, se destituir do próprio corpo para que se faça um Eu. O corpo para Fanon não é apenas um marcador de diferença, é o reduto da existência; e sua crítica aponta justamente para uma possibilidade de futuro onde a raça não seja um delimitador da potência.

A libertação demanda luta, e a luta demanda conhecimento das condições objetivas e subjetivas nas quais estamos inseridos para que, apenas assim, possamos construir um projeto político que possibilite o existir para além de um contínuo de construções imagéticas embebidas de racismo até a garganta.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Guilbert Kallyan da Silva. *Crítica - sine qua non: a carne mais barata e doce do mercado*. *Revista 4Parede*, Recife, 05 de junho de 2023. Disponível em: <https://4parede.com/critica-sine-qua-non-a-carne-mais-barata-e-doce-do-mercado/>. Acesso em: 02 mai 2024.

ANDRADE, Érico. *A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 58, p. 291-309, 2017.

ANDRADE, Érico. *Negritude sem identidade: Sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. n-1 Edições, 2023.

BARROS, Douglas Rodrigues. *Pequeno glossário fanoniano*. In: *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pequeno-glossario-fanoniano/>. Acessado em: 26 out 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!* *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

FANON, Frantz. *Pele Negra, mascaras brancas*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. *Racismo e Cultura*. Brasil: Editora Terra sem Amos, 2021.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *“Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. São Carlos: UFSCar, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GERALDO, Sheila Cabo. *O corpo negro, as marcas e o trauma*. *Arteriais*, v.3, n. 5, 2017.

MANOEL, Jones. *O humanismo radical de Frantz Fanon*. Publicado em 09 julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hp1xEAKnU8>. Acessado em: 28 out 2022.

MARX, Karl. *Teses sobre Feurbach*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeur.htm>. Acessado em: 10 mar 2023.

MBEMBE, Achille. *A universalidade de Frantz Fanon*. Disponível em: <https://www.e-pedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/2894A-universalidade-de-Frantz-Fanon.pdf>. Acesso em: 05 nov 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

NOGUERA, Renato. *Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe*. Publicado em 2017. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-diaspoacutericos.html>. Acesso em: 18 jan. 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

SEKYI-OTU, Ato. *Fanon's dialectic of experience*. Harvard University Press, 1996.

VITORIO, Rafael Borges da Silva. *Raça, corpo e existência: uma leitura pós-colonial em Fanon*. Anãsi: Revista de Filosofia, Salvador, v. 1, n. 2, 2020.